

**FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO - FESPSP  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - FABCI**

**Isabela Moreira MARTINS**

**As relações de trabalho na obra “Contos Novos” de Mário de Andrade.**

**São Paulo  
Junho, 2013**

**FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO - FESPSP  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - FABCI**

**Isabela Moreira MARTINS**

**As relações de trabalho na obra “Contos Novos” de Mário de Andrade.**

Trabalho temático interdisciplinar baseado na obra Contos Novos de Mário de Andrade, apresentado para avaliação dos docentes da grade curricular do 1º semestre do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

**São Paulo  
Junho, 2013**

“(…)que se peça de cada um conforme as suas capacidades, e se dê a cada um conforme as suas necessidades.”

Susana Albornoz, O que é trabalho?

## SUMÁRIO

	Página
1. Introdução: O modernismo e a veia política e de crítica social de Mário de Andrade.....	1
2. Análise de “O poço”.....	2
3. Análise de “Primeiro de Maio”.....	4
4. Comparações- os opostos e as semelhanças.....	5
5. As relações de trabalho nos dias de hoje.....	6
6. Conclusão.....	8
7. Referências Bibliográficas.....	10
8. Bibliografia.....	10

## 1. Introdução- O modernismo e a veia política e de crítica social de Mário de Andrade.

Ruptura. Essa é a principal característica do Modernismo. Não apenas do modernismo, mas de toda essa época, que se inicia no final do século XIX. Os modernistas buscavam explorar a face do brasileiro.

Mário de Andrade observava muito o homem, tanto aquele perdido no meio do mato quanto o homem comum da cidade, e buscava retratá-lo em sua obra. Em “Um poeta na política”, Helena Bomeny (2012, p. 43) observa, referindo-se a Macunaíma, que: “O compromisso era entender o Brasil, mostrar o Brasil aos brasileiros, encontrar no Brasil motivos substanciais para provocar a comunhão entre seus compatriotas”. Muito mais do que apenas em Macunaíma, Mário de Andrade sempre buscou, muito mais do que os outros modernistas, conhecer os brasileiros. Ele foi um homem muito culto e politizado. Foi chefe do Departamento de Cultura em São Paulo, no período em que Fábio Prado era o prefeito da cidade, e Bomeny explica a euforia de Mário:

Entusiasmado, apaixonado, comprometido em todas as horas, Mário de Andrade assumiu o departamento sabendo que estava diante da oportunidade única de construir, pela política, a valorização e disseminação da cultura nacional. (BOMENY, 2012, p. 60)

Saiu do cargo por conta da instauração do Estado Novo, em 1937, e mesmo tentando se afastar da política, indo morar no Rio de Janeiro, ele se envolveu juntamente com o ministro da Educação, Gustavo Campanema, em ações que este ministro multiplicava em prol da população e desenvolvimento da cultura. No fim das contas, Mário conseguiu o que poucos conseguiram: unir política e literatura em sua obra.

Na obra estudada para este Trabalho Temático, Mário de Andrade afirma isso de forma bem precisa: “Contos novos” mostra claramente vários tipos de brasileiros. E em dois contos, mais precisamente em “Primeiro de Maio” e “O poço”, ele trata de homens comuns, e mais importante: homens trabalhadores. Esse livro tem uma característica própria: seus personagens crescem durante a narrativa, transformam-se. Trata-se da obra de maior maturidade de Mário, ele trata temas os mais diversos, arrisca uma autobiografia em alguns deles, e toca em um tema que, na época, ainda não era tratado como nos dias de hoje: o trabalho e seu impacto no ser humano, o trabalho e as relações que dele nascem.

Os contos têm pelo menos 70 anos, mas as situações observadas, ainda ocorrem nos dias de hoje: relações cruéis no trabalho, autoritarismo na relação empregador e empregado, desrespeito a direitos humanos, e alienação da população.

O objetivo deste trabalho, portanto, é observar como as relações de trabalho aparecem nos contos marioandradianos, analisando-os detalhadamente. Após essa análise, será feita uma comparação, buscando apreender quais pontos existem em comum entre eles. E em uma terceira etapa, observar como essas situações e relações aparecem ainda hoje em dia, ou se não aparecem, o que ocorreu na história do Brasil e do mundo para que isso fosse sanado.

## 2. Análise de “O poço”

Passa-se em um pesqueiro, cujo dono manda que seus empregados abram um poço. Quando o dono decide ir ver o poço, sua caneta de ouro cai dentro da lama, no fundo do poço, e ele exige que os funcionários peguem a caneta, mesmo estando muito frio e chuvoso para se trabalhar.

Os personagens são representantes claros de tipos que ainda hoje vemos nas relações de trabalho.

Inicialmente temos Joaquim Prestes, o dono do pesqueiro, onde toda a trama se desenrola. Mandão, mal humorado e mesquinho, sempre tenta dar um jeito de economizar dinheiro, e para tanto, manda seus próprios empregados abrirem um poço, ao invés de chamar um trabalhador especializado.

Esses empregados incumbidos da tarefa de abrirem esse poço padecem constantemente com as crueldades de Joaquim Prestes. Entre eles temos Albino, que sofre especial pressão e é, de acordo com o texto, muito magro e doente. Seu irmão, Zé, sempre defende Albino das maldades do patrão, como será visto mais à frente. Também é importante o terceiro personagem, que chamam de Moreno ou Magruço.

Cada um deles carrega em si alguns detalhes. No começo do conto, na caracterização de Joaquim Prestes, o narrador explica que ele é muito criativo para os negócios, como se depreende de um detalhe sobre sua tentativa de criação de abelhas (ANDRADE, 1997, p. 72): “Um tempo até lhe dera de reeducar as abelhas nacionais, essas ‘porcas’ que misturavam o mel com a samora”. Aqui se insinua o pensamento que ele tem sobre operários, no caso, figurados pelas abelhas: “porcos”. Mesmo no clímax do conto, que é quando estão todos

vendo o andamento da construção do poço e Joaquim Prestes deixa cair sua caneta de ouro, o fazendeiro patrão fica de tal maneira transtornado com isso que exige que os empregados se arrisquem para resgatá-la. Tirano, manda Albino, que apesar de doente, é magro o suficiente para entrar no poço, apenas para resgatar a caneta de ouro. Zé o defende, pedindo para que não faça isso, lembrando-lhe de seu frágil estado de saúde. Albino é submisso, aquele empregado que todo patrão quer, você manda, ele faz:

Albino foi correndo. Os camaradas vieram imediatamente, solícitos, ninguém sequer lembrava mais de fazer corpo mole nem nada. Pra eles era evidente que a caneta tinteiro do dono não podia ficar lá dentro. Albino já tirava os sapatos e a roupa. (ANDRADE, 1997, p. 79)

Zé já é um pouco mais consciente daquilo que faz, pensa bem antes de agir, tanto que só quase no fim do conto ele enfrenta Joaquim Prestes : “José parou de esfregar o irmão. Se virou pra Joaquim Prestes. Talvez nem lhe transparecesse ódio no olhar, estava simples. Mandou calmo, olhando o velho nos olhos: - Albino não desce mais.” (ANDRADE, 1997, p. 86)

A trama vai seguindo com tensão após a queda da caneta no poço. Essa angústia é retratada pelo ruído enervante do sarilho (equipamento que desenrola a corda para os operários descerem no poço), que vai fazendo barulho, gemendo, cada vez mais alto. Conforme o tempo vai passando, Zé e Magruço vão ficando cada vez mais nervosos. Albino já está mais debilitado e Magruço, que é mais rebelde, quando não aguenta mais os abusos de Joaquim, vira as costas e vai embora:

Minutos antes, o poço quase seco agora, o magruço que já vira um bloco de terra de desprender do rebordo, chegada a vez dele, se recusara descer. (...) num ato de desespero se despedira por si mesmo, antes que o fazendeiro o despedisse. E se fora, dando costas a tudo... (ANDRADE, 1997, p. 85)

Ao fim, após a saída de Magruço, e a discussão entre Joaquim Prestes e Zé por causa de Albino, o chefão acabou ficando um pouco alterado, e deixou a ideia do resgate da caneta de lado. A noite já adentrava e todos foram embora.

Mas é no último parágrafo da história que se esclarece algo que revolta o leitor: os empregados, por fim, acham a caneta no dia seguinte e a devolvem ao patrão, e até com algum toque de esmero (ANDRADE, 1997, p. 88) : “A caneta vinha muito limpa, toda arranhada. Se via que os homens tinham tratado com carinho aquele objeto meio místico...”. Porém, Joaquim Prestes ao ver aquilo, joga-a no lixo e “Tirou da gaveta de baixo uma

caixinha que abriu. Havia nela várias lapiseiras e três canetas tinteiro. Uma era de ouro.”(ANDRADE, 1997, p.88)

Esta cena fecha o conto e também faz pensar sobre o que Suzana Albornoz (2000, p.32) afirma: “(...)o sistema busca a mão-de-obra menos reivindicativa e mais tímida e submissa para manter mais altas as margens de lucro”. Joaquim Prestes, assim como muitos patrões ainda nos dias de hoje, prefere empregados como Albino, pois quanto menos o empregado reclama, quanto menos ele pensar sobre as suas condições de trabalho, melhor, afinal, assim eles se tornam manipuláveis.

### 3. Análise de “Primeiro de Maio”

Primeiro de Maio de 2013: Festas e shows em São Paulo, e em vários outros lugares. Em alguns lugares, manifestações contra a inflação, em outros lugares, discursos de apoio ao governo... Mas como em toda data comemorativa, ninguém se pergunta por qual motivo se comemora o Dia do Trabalhador, no 1º dia de maio. Essa data é comemorada por conta da luta dos operários de Chicago, no ano de 1886; e desde então, esse dia é marcado por protestos para a melhoria das condições de trabalho e vida dos operários.

Sem nem desconfiar disso, o personagem 35 acorda feliz e determinado a celebrar o seu dia. Para ele, não importavam muito os motivos a serem comemorados naquele dia. 35 é trabalhador, carrega malas na Estação da Luz, e naquele dia, se orgulhava disso. Ele acorda cedo, toma banho, faz a barba. É um dia especial. Ele veste “a roupa preta de luxo, um nó errado na gravata verde com listinhas brancas e aqueles admiráveis sapatos de pelica amarela”(ANDRADE, 1997, p.44), revelando seu patriotismo ingênuo. E ele é simplório também em outros momentos, como quando ele fala que havia muitos policiais nas ruas, e acha que é para impedir os roubos, e sequer imagina que seja para impedir as manifestações.

Apesar de ter lido nos jornais sobre esses protestos, em outras grandes cidades, ele não estava muito para isso. Essa é outra característica do 35: ele lê superficialmente os jornais, sabe mas não muito sobre o que acontece no mundo. E lendo um desses jornais, ele vê uma notícia que lhe chama a atenção, apesar de pequenininha: falava sobre a nobreza do trabalho, sobre “os operários da nação”(ANDRADE, 1997, p. 46). Ele, que já estava muito emocionado por causa da data, se comoveu ainda mais.

Continuando a leitura do jornal, ele nota que haverá uma comemoração com os deputados trabalhistas. 35 se animou muito e saiu correndo, pois não poderia perder tal festividade. Chegou ao destino às 9h15, um pouco atrasado, e se decepcionou. Não tinha nada, nenhuma multidão, nem mesmo os deputados. Então começa o desânimo de 35: começa a perceber que só ele comemora esse dia.

Enquanto voltava para casa, encontrou o 486, “grilo” (guarda-noturno) e amigo, que se intitulava anarquista, e por conta do 1º de maio, não estava trabalhando naquele dia, também. Pararam em frente ao Palácio das Indústrias, lotado de pessoas que, pela roupa, não pareciam operários: estavam muito bem vestidas. 35 deduziu que poderiam ser os deputados, muitos deles, quem sabe, representantes dos trabalhadores. No local também havia muitos policiais, que ficavam tentando se esconder discretamente nas esquinas, para não evidenciarem a realidade para a qual estavam lá. Um grupo de três homens de dentro do Palácio até convidou os operários que ali estavam reunidos, observando ao longe, para entrarem: alguns até entraram, outros não, como 35 e seu amigo.

Depois disso 35, entra definitivamente no seu momento: o receio já lhe invadira o corpo: abandonando o local, não queria mais nada, apenas perambulava, morto por dentro. Dirigiu-se, então, à Estação da Luz, sem ânimo; mas lá, pelo menos, conhecia as pessoas, sentia-se calmo. Ao avistar o 22, um senhor de idade, que trabalhava por aquela hora, notou que estava ajudando uma família a se instalar no loteamento, mas como não cabia tudo, acabaram deixando quatro malas pesadíssimas para o pobre 22 carregar. Esmorecido, 35 vê aquela cena e, com presteza vai ajudar: toma as malas do 22 e, num gesto de camaradagem, ajuda o amigo mais velho, encerrando o conto.

Há outros aspectos que podemos observar nesse conto, como traços marcantes de Mário de Andrade: a sensualidade, por exemplo, na passagem: “Lembrou aquela moça do apartamento, é verdade, nunca mais tinha passado lá pra ver se ela queria outra vez, safada!” (ANDRADE, 1997, p.44); a utilização de linguagem popular, em expressões como “turumbamba macota” (ANDRADE, 1997, p.43) e sugestões freudianas, muito comuns na obra de Mário, espalhadas pelo texto, insinuando relações edípicas e atos-falhos.

#### 4. Comparações- os opostos e as semelhanças

Dentro do ambiente narrativo dos Contos Novos, somos apresentados a situações parecidas ao longo dos textos. As análises realizadas de “O poço” e “Primeiro de Maio” nos fazem refletir sobre inúmeras questões, e delas retirar muitas similaridades.

A primeira comparação, e que aparece bem em destaque, como por exemplo, o anonimato de personagens protagonistas: n’O Poço: temos Magruço e Zé; em “Primeiro de Maio”, temos 35, 22 e 486; quais são seus nomes verdadeiros? É como se eles fossem simples objetos, seres coisificados; ora, pessoas têm nomes, objetos, apelidos.

Os empregadores são autoritários e possessivos: temos com Albino a opressão de Joaquim Prestes, e com 35, os policiais e, até mesmo, os deputados distanciados dos operários que deveriam representar. A imagem do poder em ambos os contos é bem fixada na tirania, no poder ignorante e irracional.

A humilhação que as relações de trabalho trazem também é visível. O 35, por exemplo, apesar de no início do conto estar feliz pela possibilidade de celebração do seu dia, é humilhado pelo fato de isso não ocorrer. N’O Poço, Albino é humilhado no transcorrer do conto, semelhando um animal de carga.

Uma, também, nas duas narrativas, uma ideia fugaz, uma imagem esgarçada de rebeldia, de que podemos ir contra esse sistema: vemos isso com Magruço, que vira as costas ao patrão e abandona o trabalho e a fazenda de Joaquim Prestes. Vemos que ele carrega um pouco de tristeza ao tomar essa atitude, mas ela é necessária, em vista da atitude ostensiva e autoritária do fazendeiro. No Primeiro de Maio, o 35 desafia, timidamente, a ordem dos seguranças do Palácio e não entra para a solenidade festiva promovida pelas autoridades; além disso, o 486, se diz um anarquista atuante, mas no final, acaba deixando isso um tanto confuso, pois com suas histórias de massacres ao proletariado e grandes “turumbambas”, não se tem certeza de que tenha mesmo se envolvido em algum deles.

Outro detalhe que merece destaque e comparação é o foco narrativo dos contos: N’O Poço, temos a sensação de quem está nos contando é como se fosse alguém que ficou sabendo dessa história, como se aquela situação tivesse sido tão absurda que virou uma parábola, um “causo” lendário de horror. No “Primeiro de Maio” o narrador flutua entre estar fora e dentro da cabeça do 35, procurando o verso e o reverso daquela experiência.

Portanto observa-se que existem muitas semelhanças nesses contos, além do óbvio tom engajado, politicamente comprometido com os desvalidos e recalcados sociais. Pode-se

concluir que, de uma maneira geral, o narrador marioandradiano expõe características das tensões sociais de uma época: pouca resistência às opressões; aceitação de condições de vida e de trabalho ruins; pouca atuação do proletariado com relação aos seus direitos; uso da força tanto física quanto psicológica sobre os humildes e desprotegidos sociais, entre outros. Mas conviria observar que esses contos são de 70 anos atrás. Será que essas situações acabaram? Elas evoluíram para qual tipo de relação?

#### 5. As relações de trabalho nos dias de hoje

O trabalho faz parte do nosso dia a dia e carrega muitos significados: para cada um de nós, ele tem uma importância diferente, mas relevante. De qualquer maneira, a palavra *trabalho*, em português, tem muitos significados e muitas possíveis origens.

Estamos hoje na era da automação, tema que não aparece (aparentemente) nos contos de Mário de Andrade. Essa industrialização causa muitos fenômenos, um deles é o grande crescimento demográfico, que podemos notar no conto “O ladrão”: aqui, nos deparamos com uma vila operária repleta de pessoas vindas de outros lugares, migrando ou imigrando, muito provavelmente em busca de emprego nas indústrias, crendo assim melhorar de vida. Mesmo no conto “Primeiro de Maio” não temos certeza absoluta se 35 é paulistano ou não, uma vez que por mais que ele conheça a cidade, sua ingenuidade pode denunciar uma origem interiorana.

Nesses contos, percebe-se uma promessa de alegria e bons momentos que poderíamos passar, graças a nossa situação de trabalhadores. Não apenas uma vez, mas sempre: nos prometem mundos e fundos, como é o caso de PLR's, folgas e férias, porém, na hora H, nada acontece, e ainda temos de trabalhar duro e com poucas perspectivas de sucesso na vida. Outro aspecto que podemos observar, ainda pensando sobre “Primeiro de Maio”, é exatamente a luta que envolve a data. Num primeiro momento, exigia-se uma carga horária de oito horas por dia, mas Domenico de Masi (2001) trata disso no livro “O futuro do trabalho”, expondo realidades que trabalhadores nem precisam mais de oito horas para desenvolver seu trabalho, mas têm de ficar encenando que estão muito ocupados; afinal, a regra do jogo manda que sejam oito horas de ocupação, senão, não é trabalho. Fatos como a entrada da mulher no mercado de trabalho e o próprio desenvolvimento da tecnologia foram determinantes nessa redução de necessidade de horas de trabalho.

Um outro assunto em voga nos dias de hoje é a ampliação e igualdade de direitos trabalhistas para as empregadas domésticas. Além da própria acomodação histórica dos patrões, há por parte das próprias empregadas o medo da perda dos seus postos de trabalho. A trabalhadora doméstica é muitas vezes tratada como uma extensão da família, porém, quando ela vai ter um filho, ou mesmo quando envelhece ou adocece, a situação muda drasticamente e ela se volta a se tornar uma serviçal, agora, sem direito nenhum. Essa situação aparece, por exemplo, no conto O Poço, quando Joaquim Prestes até paga o remédio para Albino, porém quando precisa de alguém para descer no poço para pegar sua caneta, ele não tem dúvidas e, a despeito dos enormes riscos, exige que Albino “pague a conta” dos cuidados anteriores e das despesas com os remédios. Como se depreende, a remuneração no mercado de trabalho é algo realmente degradante: a força aplicada a determinada tarefa é muito subestimada, nunca se pagará o real valor da energia despendida.

Os contos são tão atuais que se parecem mais com parábolas, que se utilizam de alegorias para falar sobre outras coisas, de forma indireta, mas sem perder a força da denúncia. O conto O Poço se passa em uma fazenda, porém qual empregado já não se sentiu ameaçado pelo seu patrão? Ficando até mais tarde no trabalho, sacrificando finais de semana com a família para fazer “aquele” relatório indispensável para a segunda-feira no primeiro horário? E o Primeiro de Maio, cujas celebrações vêm repletas de promessas e, depois, o trabalhador tem de se conformar em cumprir as 8 horas no trabalho, e receber o mesmo e deplorável salário de sempre?

No mundo globalizado, há diversas formas de se obter renda, tudo isso influiu muito para que muita coisa melhorasse. Porém, muito do que se via há quase 100 anos, ainda não foi superado: utilização de mão de obra infantil e escrava na indústria; trabalhadores cumprindo horas e mais horas extras para poderem melhorar sua renda no final do mês; diferença entre homens e mulheres no mercado de trabalho, e não apenas na remuneração, mas no próprio tratamento. Mas, infelizmente, o que vale, muitas vezes, é aquele ditado: “O que os olhos não veem, o coração não sente.” E muitas vezes nós fechamos os olhos, só para não ver, mesmo, pois achamos que nada podemos fazer.

## 6. Conclusão

Conhecido principalmente pelo livro e personagem Macunaíma, Mário de Andrade surpreende com os Contos Novos. Obra póstuma e, ainda, de pouco conhecimento traz

consigo inúmeras facetas do autor. A principal trabalhada aqui foi a humilhação a que os trabalhadores estavam expostos (e ainda estão), por parte de seus empregadores, e as decorrências sociais e psicológicas dessa opressão.

Como foi analisado nos contos, a dependência a que nos sujeitamos nas relações injustas de trabalho, torna-se, muitas vezes, doentias, principalmente nos dias de hoje. É como explica Suzana Albornoz:

(...)Lafargue criticava a ideologia burguesa do trabalho...Em seus primórdios, esta classe havia retomado alegremente a tradição pagã e glorificava o prazer, a carne e suas paixões reprovadas pelo cristianismo. Mas quando se torna classe dominante, a burguesia quer suprimir alegrias e paixões, prega a abstinência aos assalariados, condena-os ao papel de máquina parideira do trabalho, sem trégua nem piedade. Quando em luta com o clero e a nobreza, a burguesia se arvorara em defensora do livre arbítrio e da liberdade de consciência, a até ateísmo(...)Hoje se trata de buscar a máxima eficiência com o menor esforço. (ALBORNOS, 1986, p. 72)

É a total coisificação do ser humano. O que importa é o que você vai produzir, e o quanto você vai produzir, mesmo sem tirar partido dessa riqueza, para a felicidade e o prazer na vida...

O trabalho engrandece sim o homem, mas torna outros homens ditadores. As relações de trabalho devem ser repensadas, colocando todos em patamares de igualdade, pois sem o colaborador o dono da empresa não vive, e vice versa.

Uma atuação mais direta da sociedade com os sindicatos, e até mesmo com seus vereadores e deputados, pode colaborar para melhorar as condições de trabalho de todos. Às vezes, a sua própria condição de trabalho está boa, mas existem milhões de pessoa que sofrem diariamente sendo exploradas pelas indústrias e patrões. As boas relações de trabalho são importantes, pois essa ação produtiva toma uma parcela grande da nossa vida; sendo justas, melhoram nossas condições sociais, promovem a igualdade material e social.

Mário de Andrade já percebia isso, em seu tempo, naqueles idos de 1930/40. Não contava com as facilidades da internet, ou das redes sociais. Contou com sua sensibilidade para a vida dos humildes, seja lá na roça, ou na urbana Pauliceia; viveu a vida e viu. E escreveu. E não apenas isso, lutou para que todo homem tivesse acesso à cultura e educação de qualidade. Um

homem assim, hoje em dia, seria tachado de louco, de visionário. Talvez seja disso mesmo que o mundo precise: mais “Mários” que saibam que estamos no mundo para fazer algo, para mudar para a melhor. Que ninguém se transforme em “Joaquins Prestes”; que possamos ser mais “Josés”, atuantes, com sentimentos, e em prol de algo maior do que apenas o dinheiro. Que possamos saber cada vez mais onde o espaço do nosso próximo começa, e onde termina o nosso.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mario de. **Contos Novos**. São Paulo: Klick Editora, 1997

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 1986

BOMENY, Helena. **Um poeta na política- Mário de Andrade, paixão e compromisso**. Rio de Janeiro: Casa da Palvra, 2012

DE MASI, Domenico. **O futuro do trabalho: fadiga e ócio na sociedade pós industrial**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2001

### 8. Bibliografia

DEL ROIO, José Luiz. **1º de Maio: sua origem, seu significado e suas lutas** São Paulo: Global Editora, 1986

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2008

PILAGALLO, Oscar. **A história do Brasil no século 20 (1920-1940)** São Paulo: Publifolha, 2002

SIMÃO, Aziz. **Sindicato Estado: suas relações na formação do proletariado de São Paulo**. São Paulo: Ed. Ática, 1981